



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 708

CONTO ARABE

★ Por MANUEL FERREIRA ★

NUMA tarde de verão, em que o sol escaldava, um pobre árabe ia pelo deserto.

Viera de longe, das bandas de onde nasce o Astro-Rei e dirigia-se a Meca. Na cabeça, trazia um turbante desbotado pelo tempo, velho albornoz envolvia-lhe o tronco esquelético e ao ombro aytava um bernal com tâmaras.

Há muito que calcurreava o deserto e nem a sombra acolhedora dum oásis encontrara. Já desesperava, quando se lhe deparou uma pequena caravana. Pediu que o acomodassem de qualquer forma sobre o

dorso dum camelo, pois estava exausto.

Recusaram, indiferentes, e o pobre árabe continuou a palmilhar. Andou até que os seus olhos encontraram um oásis. Então, cansadíssimo, ao aproximar-se de uma tenda, caiu inanimado.

Ao ouvir a queda, um rapazinho, pobrememente vestido, assomou à entrada. Vendo o infeliz, foi buscar água, que sussurrava sob uma palmeira e, enopando o turbante, reanimou-lhe as fontes. Aos poucos, o viandante veio a si e, amparado pelo pequeno, entrou na tenda, onde lhe foi servida uma refeição de tâmaras, leite e mel.

Enquanto comia, o velho não tirava os olhos do seu bemfeitor.

— «Como vos chamais, meu bom rapaz?»

— «Ali Mustafa. Sou pastor de camelos do chefe deste oásis, Ahmed Gazi. Meus pais morreram no deserto, numa tempestade de areia. Ahmed entregou-me os seus rebanhos, trabalho que eu procuro cumprir o melhor possível. Mas tenho ambições mais largas.»

Nisto, Ahmed Gazi entrou. O viandante ergueu-se sandando-o. Depois, agradeceu ao pequeno e despediu-se. Ao chegar cá fora, era noite. Olhou para os astros e disse:

— «Sou Agi Assun e tenho o dom de ler nos astros o futuro dos homens. Orgulha-te, Ahmed, de teres protegido o pequeno pastor. Estou a ver que a sua estrela cresce, de momento a momento, com extraordinário brilho. Um belo futuro lhe está reservado.»

— «Como?» — perguntou o patrão — Se é apenas um simples pastor?»

— «Para Deus não há impossíveis. O signo de Mustafa não mente.»

E afastou-se, numa volta do caminho.

Passados dias, o pequeno Mustafa, andando a apascentar os camelos, encontrou um saco de pele de ovelha cheio de pergaminhos escritos. Pendia de duas correias, vendo-se que havia caído, certamente, dalguma caravana.

Interessado, o pequeno levou-os para a sua tenda e, com o auxílio de Ahmed, ia tentando decifrá-los.

Um dia, calhou passar por ali um Vizir do soberano que ao ver, à sombra duma tamareira, o pequeno pastor, absorvido na leitura dos pergaminhos, lhe perguntou como estes lhe tinham vindo parar às mãos. Respondeu o pequeno, cortezmente, que os



O CORAÇÃO de LUIZA

Diálogo por FRANCISCO VENTURA

MARTA
Luizinha, então não vens?

LUIZA
(Alta, desdenhosa)
Não vou? Mas onde, onde?

MARTA
À sala.
Pois não sabes que há lá festa,
Que hoje é um dia de gala?

LUIZA
Ora!
MARTA
Há festa, bem bonita,
E animada, sim senhora!
Acredita, organizaste
Uma festa encantadora.

LUIZA
(rápida)
Não fui eu. Eu não fiz nada,
Também era o que faltava.

MARTA
(admirada)
E' pasmoso! E eu que julgava
Que da tua cabecinha
E' que saíra esta idéa
De ir à gente pobrezinha;
Entregar uma mão cheia
De alegria e de ventura.

LUIZA
Que idéa! Mas que loucura!
Então, priminha, não vês
Que eu nunca, nunca teria
Esta lembrança infeliz
De trazer pobres aqui?
Foi a Mãezinha que fez
Esta asneira sem igual.
De os trazer a nossa casa
Por ser dia de Natal.

MARTA
E tu não gostaste disso?

LUIZA
Claro que não.

MARTA
Mas, então,
Não gostas dos pobrezinhos?

LUIZA
Eu? Gostar dêsses pedintes
Que se arrastam nos caminhos?
Podia lá ser, ó prima!
Se eles nem sabem falar,
Se andam tão esfarrapados



E sempre a choramingar!

MARTA
Estou pasmada!
LUIZA
E depois,

Têm tal velhacaria.
Ah! Se eu os não conhecesse,
Ainda me iludiria
Com suas falsas maneiras
E falsas lamentações.
Porém, eu conheço-os bem!
Não são mais que uns intrujões!

MARTA
(depois de uma pausa, em que a olha muito admirada)

Dize uma coisa, Luíza:
Os pobres fazem-te mal?

LUIZA
Mal não fazem. Porém, falam-me
Com um ar tão glacial,
Com tanto rancor nos rostos,
Tanta dureza no olhar,
Que eu julgo que até seriam
Capazes de me matar.
Calcula que ontem, à tarde,
Uma miúda andrajosa,
Deitando a língua de fóra,
Disse que eu era orgulhosa.
E depois fez-me caretas
Pondo-se a troçar de mim.
Queres, pois, que eu goste deles,
Tendo atitudes assim?

MARTA
Mas sabes tu, Luizinha?
Disso tudo a culpa é tua.
Como hão-de falar-te bem,
Quando tu passas na rua,
Se não olhas para eles
Com um terno e doce olhar?!
Se não tens voz carinhosa
Para com eles falar?!
Se tu mostras altivez,
Arrogância e até desdém,
Quando és forçada a falar
Com alguém que nada tem?!

(Continua na página 4)



havia encontrado meses antes. Então, o Vizir abraçou-o, dizendo que fôra prometido um prémio a quem apresentasse os pergaminhos, que constituíam o original dum livro de versos do soberano.

Depois de ter combinado com o patrão de Mustafa, o Vizir apresen-

tou o pequeno ao Soberano e, sob a protecção deste, começou a conviver com os homens mais doutos daquele tempo. Vinte anos depois, o antigo pastor era Vizir do Soberano do Yemen. Rico, sábio, cheio de prestígio, o pequeno Mustafa viu cumprir-se a profecia do astrólogo.

DUAS NÊTINHAS

por ARLETE LOPES NAVARRO

FATIGADA da grande caminhada que dera, a Claudina, sentára-se nos degraus da escadaria dum sumptuoso palácio: Olhava para as moedas, na palma da sua mão, produto de esmolas que conseguira obter durante o dia.

O avô morrera havia pouco tempo e agora, sem um único parente, recolhida em casa duma vizinha, por caridade, a garota esmolava, para assegurar o seu sustento, visto a sua protectora ser tão pobre como ela.

Claudina, sentindo a saudades imensa que a morte do avô lhe deixara no coração, baixou a cabeça e começou a chorar, desabafando assim a dor que sentia, desde aquela irremediável perda!

Subitamente, ergueu o rosto molhado pelas lágrimas. Alguém lhe batera no ombro. Levantou a cabeça e viu uma menina, ricamente vestida, seguida duma senhora.

— «Porque choras?»

— «Morreu o meu avôzinho. Não tenho ninguém no mundo. Sinto muitas saudades dele. Era tão meu amigo!»

— «Não posso restituir-te o avôzinho — disse a menina rica, comovida. — Também não tenho pais. O meu único parente é o meu querido avôzinho. Sofreria como tu, se o perdesse.

E, abrindo uma malinha, tirou algumas moedas, entregando-as a Claudina.

— «Procura-me amanhã. Falarei em ti ao avôzinho. Pedir-lhe-ei que te dê algum dinheiro.»

A pobre agradeceu comovidamente, desceu a escadaria daquele lindo palacete e encaminhou-se na direcção da miserável casa onde agora morava, enquanto a bondosa menina, acompanhada da sua preceptora, seguia em direcção oposta.

Claudina, muito antes da hora marcada, bateu à porta do palacete.



Um criado apareceu, dizendo-lhe que a menina não estava em casa. E, conforme ordens recebidas, pediu-lhe que voltasse mais tarde.

A pequenita sentou-se nos degraus, como fizera na véspera, enquanto a porta se fechava.

Pouco depois abriu-se novamente e um velhinho, alto e magro, com um aspecto distinto, apareceu, entregando-lhe um sobrescrito contendo certa quantia.

Claudina aceitou-o e não conseguiu balbuciar uma só palavra. Os seus olhos, cheios de lágrimas, traduziam eloquentemente a sua gratidão.

— «Lá vem a minha neta.» — Ouviu o velhinho dizer-lhe.

A garota voltou-se e olhou. Mas um grito se escapou dos seus lábios. Um automóvel aparecera na esquina da rua, pondo em perigo iminente a sua bemfeitora.

Claudina largou o sobrescrito, atirando com êle precipitadamente.

E descendo os degraus em louca correria, lançou-se entre o carro e a bondosa menina, empurrando-a com toda a força, a fim-de a afastar do perigo. Então, a pobrezinha foi colhida e projectada a distância.

O velhinho desceu apressadamente, enquanto a sua adorada nêtinha, salva corajosamente pela reconhecida Claudina, se lançava nos seus braços, chorando de comoção.

Um mês depois deste acontecimento, a pobrezinha, completamente restabelecida, brinca com a sua amiguinha no jardim do lindo palácio, onde agora reside.

O velhinho quis recompensar a sublime acção de Claudina, levando-a para a sua casa e dispensando-lhe a ternura de um verdadeiro avôzinho.

E na janela do seu palácio, ao vêr as duas meninas a brincar muito contentes e felizes, o velhinho diz:

— «Eis as minhas duas nêtinhas!»



O CURIOSO CASTIGADO

★ Por MARIA ARCHER



RABILOBINHOS tinha ido morar para uma casa nova, num bairro onde nunca tinha posto os pés. Tudo ali lhe parecia maravilhoso! Mas não se atrevia a sair sozinho com receio de se perder. Havia por lá tantos carros, tantas ruas! À tarde deu um passeio com a família. Viu passar um cortejo e ficou parado no passeio, a olhar. Depois do cortejo passar, Rabiobinhos notou que se tinha perdido dos seus. Teve medo e uma certa vontade de chorar. Mas começou a puxar da imaginação, a ver se descobria por que ruas tinha vindo ali ter. Um sujeito curioso aproximou-se dele e

preguntou-lhe se estava perdido: — «Não, senhor; respondeu Rabiobinhos, só não sei por onde se sumiram o meu pai e a minha mãe!» Foi andando, andando, e conseguiu encontrar o caminho. Encostou-se à mostra da mercearia, mesmo em frente da sua casa, à espera que a família aparecesse. O sujeito curioso, aproximou-se de Rabiobinhos e meteu conversa: — «Boa tarde, meu menino. Então sempre encontrou a sua casa?» — «Sim senhor, muito obrigado.» — «Ah! E como é o seu nome?» A mãe de Rabiobinhos tinha-lhe ensinado que se não conversa com as pessoas desconhecidas. Mas também

lhe tinha dito que se não deve ser malcriado. Rabiobinhos não sabia como havia de conciliar, naquela ocasião, os dois preceitos. Desatar a correr? Não responder? Qualquer das acções era desagradável. Rabiobinhos resolveu-se a fingir de distraído e pôs-se a andar, ao pé-coxinho, em frente da loja. Mas o sujeito curioso não desistiu de saber o nome do pequeno. Perguntou-lhe: — «E' então o meu novo vizinho? Eu também móro aqui no prédio.» Rabiobinhos, muito aflito, tinha-se posto a assobiar com toda a força, para fingir que não ouvia as perguntas. — «Então não me diz o seu nome?»



inquiriu o vizinho curioso, quasi a gritar. — «E' o mesmo do meu pai» — respondeu o pequeno, parando de assobiar por um momento. Deu uns passos para a porta de casa, a ver se escapava ao sujeito curioso. Agachou-se e escolheu umas pedrinhas na rua. — «São muito boas para jogar, — disse o curioso, indo atrás dele. E diga-me uma coisa: Como é o nome do seu pai?» — «Hein?» — fez Rabiobinhos, eu sou um pouco surdo.» — «Como é o nome do seu pai?» gritou o vizinho, a plenos pulmões. Uma mulher, ouvindo aquele berro,

apareceu à janela, julgando que o vizinho curioso estava a ralar com o Rabiobinhos. Duas crianças saíram para a rua, a ver o que se passava. O pequeno, que as conhecia, quiz ir brincar com elas. Mas, para não ser malcriado, respondeu ao vizinho: — «Já lhe disse, meu senhor, é o mesmo que o meu.» E foi mostrar as pedrinhas aos camaradas. Os três começaram a jogar. O curioso não se deu por vencido e foi, novamente, atrás do pequeno. Assistiu em silêncio ao começo do jogo, a magiar noutra pergunta. Acabou por pôr a mão na cabeça de Rabiobinhos e dizer-lhe: — «Ah! meu menino, que fiquei sem

saber o seu nome! Então, eu sou seu vizinho, posso precisar de falar consigo... Diga-me lá: Que nome lhe dão quando o chamam para almoçar?»



Já várias pessoas se tinham pespegado pelas janelas, atraídas pela conversa e a rirem-se da insistência do curioso.



Rabiobinhos viu o pai e a mãe aproximarem-se. Levantou-se e deixou as pedrinhas aos amigos. Antes de cor-



rer para se juntar à família, respondeu ao vizinho: — «Nunca me chamam. Sou sempre o primeiro a chegar à mesa!»

PEDRAS FALSAS

DOR LAURA CHAVES

NUMA certa joalharia, das mais chiques e elegantes, foi a consertar um dia uma joia de brilhantes. Logo o joalheiro a examina com a lente e diz: — «Tem graça No meio da pedra fina há um vidro de vidraça.» Esse vidro, ouvindo tal, sente-se um pouco vexado, mas murmura: — «Não faz mal... se eu estou tão bem rodeado!» Não vêem estes joalheiros que o que é preciso é brilhar,



que os brilhantes verdadeiros me emprestam seu cintilar. Que toda a gente me viu partilhando o seu fulgor e que ninguém descobriu que era vidro sem valor? E, refeito do percalço, exclama, a sorrir, radiante: — «Eu, visto à lente, sou falso, mas sem lente sou brilhante.» Neste mundo de trapaça, onde ninguém anda nu, quantos brilhantes vidraça não trataremos por tu!

O CORAÇÃO DE LUIZA — (Continuado da página 2)

LUIZA
Pois como havia de ser?
Dize lá! Naturalmente
Ir toda aos salameleques,
Reverente...
MARTA
E porque não?

LUIZA
Porque eles não são como eu!
MARTA
Que achas tu de diferente
Entre o seu corpo e o teu?
Tem braços e cabeça
Como tu tens, tal e qual...?

Vêem o mesmo que vês...
Que existe de desigual?
LUIZA
Mas eu sou rica.
MARTA
E que culpa
Tem eles de o não ser?

LUIZA
Mas, prima, dar-me com eles
Era aviltar-me, descer...
MARTA
Descer? Mas como tu pensas!
Então, não sabes que um dia
Houve uma doce Senhora
Que foi encher de alegria
As casas de toda a gente
Que pobremente vivia?
Levava pão e sorrisos
Para os que andavam com fome,
E ela própria os alegrava
Chamando-os pelo seu nome,
la visitar enfermos;
Crianças abraçava...
Fugia toda a desgraça
Onde a sua mão chegava.
LUIZA
(desdenhosa)
Alguma pobre, também?...
MARTA
Uma pobre? — dizes. Qual!...
Seu nome: — D. Isabel,
Rainha de Portugal.
LUIZA
(quebrada)
Ah!

MARTA
Mas escuta inda mais:
Houve outra doce Senhora
Que a pensar nos pobresinhos,
Sem descansa, a toda a hora,
Teve a ideia de arranjar
Casas onde eles tivessem
Remédio quando doentes,
Casas onde envelhecessem,

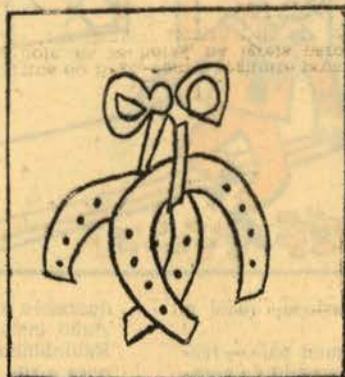
Chamadas Misericórdias,
Maravilhas sem igual;
Foi ela D. Leonor,
Rainha de Portugal.
LUIZA
(Mais quebrada ainda)
Ah!
MARTA
Mas escuta inda mais:
Houve outra ainda maior
Que, tendo dentro do peito,
O mais belo e excelso amor,
Foi luz inundando a terra,
Desde a serra ao mar profundo;
Foi consolação chegada
As dores todas do mundo.
Amparou os pobresinhos,
Curou toda a enfermidade;
Até os pobres leprosos
Viram a sua bondade.
Lar onde houvesse tristeza,
Bêca faminta sem pão,
Ou olhos com seu pranto amargo,
Vida só com escuridão,
Tinham nela amparo certo
E doce consolação,
E inda hoje mesmo não há
Tristeza que Ela não veja,
Mal a que Ela não acuda
Por mais distante que esteja.

LUIZA
(já comovida)
E essa também foi alguma
Rainha de Portugal?
MARTA
Não, Luizinha, o seu Reino
E' um Reino sem igual.
(Continua na página 6)

O CESTINHO da COSTURA

Querida
Ana Maria:

Hoje, nesta secção do cestinho da costura, que é para todas as minhas abelhinhas, encontrarás atendido o teu pedido



duma âncora para a camisola do teu irmãozinho. Também os outros motivos se prestam para bonitas aplicações, onde vocês podem encontrar inspiração para variados trabalhos.

Temos, por exemplo, essa golinha feita em cambráia branca e guarnecida com um picot de côr. Esse picot não é comprado e aplicado, mas sim desenhado e depois bordado com filóselle de algodão, susceptível de lavar. Depois da gola pronta, passem-na a ferro com um bocadinho de goma, o que a tornará mais engraçada.

Esse bouquet das florinhas, a barrinha de ponto cruz, as duas ferraduras atadas e essa florinha isolada, são, como vêm, motivos bem graciosos para serem aplicados em peças de vestuário, tanto em fatinhos e bibes, como nas roupinhas interiores.

Têm, pois, hoje, minhas queridas amiguinhas, muito por onde escolher e assim espero que tanto vocês como a Ana Maria, fiquem muito contentes com a

vossa amiguinha
Abelha Mestreira.

O CORAÇÃO DE LUIZA — (Continuado da página 5)

Não é este nem aquele
País formoso ou jocundo,
Ela estima toda a gente
E o seu Reino é todo o mundo,
Luz acêsa para todos,
Mão aberta a toda a hora,
E' a Mãe do bom Jesus,
A Virgem Nossa Senhora,
Já vês, pois, querida prima,
Que aos pobresinhos sorrir
É espalhar o bem na Terra,
Não é descer, é subir.
E' ascender aos melhores
Lugares que a vida tem;

Pois não há glória maior
Que viver fazendo o Bem!
Fazer bem é pôr na vida
O que melhor Deus lhe deu,
E' pôr na mísera terra
Um bocadinho do céu.

LUIZA

O que queres, pois, que eu faça?

MARTA

Que vás aos que pobres são
E lhes leves um sorriso
Num bocadinho de pão.

LUIZA
Falar-lhes...
MARTA
Com voz tão linda
Como as formosas florinhas,
Parecendo, em vez de fala,
Doce cantar de avezinhas.

LUIZA

Visitá-los... E levar-lhes,
Com um gesto carinhoso,
Qualquer coisa que minore
Seu viver tão desditoso.

HISTÓRIA MUDA



HISTÓRIA MUDA

INTER-CAMBIO EPISTOLAR

O «Pim-Pam-Pum» abre um novo concurso de legendas a prêmio, nas mesmas condições dos anteriores.

No próximo número publicaremos as novas inscrições.

LUIZA
E amá-los...

MARTA
Com amor fundo,
Amor que seja um crisol,
Pois um sorriso de amor
É mais que um raio de sol.

LUIZA
(com lágrimas nos olhos, muito comovida)

E logo eu que sou tão má!
Eu que os pobres sempre odiei,
Que lhes fiz, sempre que pude,
Coisas que nem eu já sei!

MARTA
Então, não chores.

LUIZA
É que eu
Sou muito má, muito má!
Coração igual ao meu,
Não há, de-certo não há!
Eu já fui pôr num caminho,
Só para depois me rir,
Uma casca de banana,
Para um velhinho cair.
Eu não respondo aos bons dias
Que, às vezes, me vem dar,

Só para ter o prazer
De os fazer arreliar.
Eu, inda ontem à tarde,
Sem minha Mãezinha vêr,
Fui bater numa criança
Só por prazer de bater.

MARTA
E não estás arrependida?

LUIZA
Arrependida?! Oh! se estou!

A NOSSA CONSTRUÇÃO...

... representa dois meninos da Ilha da Madeira, andando de *balancé*. Ficará certamente um brinquedo muito interessante... se o construírem, é claro.

Para isso podem guiar-se pelo esquema, onde está suficientemente explicada a forma de o armar.

Algumas explicações:
Usar cartolina forte; prender os furos, A com A etc., por meio de ataches pequeninos; e, finalmente, prender aos pés dos bonecos uns contrapésos de chumbo.

MARTA
(num sorriso)
Então, tua alma, Luiza,
Inda a tempo se salvou.
Quem se arrepende acha logo
Um ser diferente do seu,
Quem se arrepende na terra
Vai a caminho do céu!

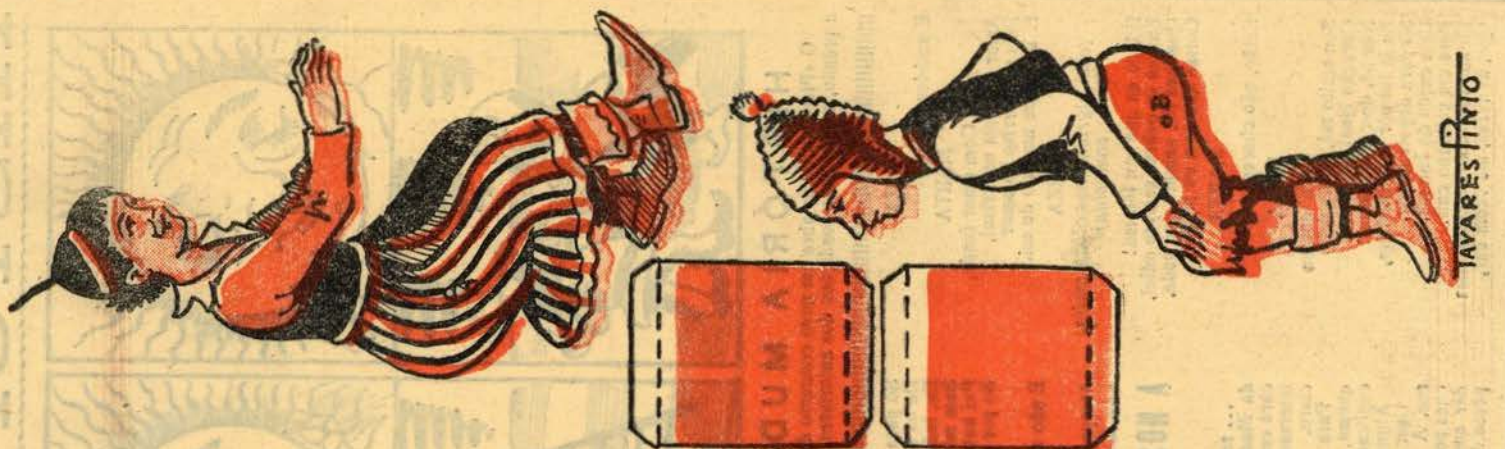
LUIZA
(numa súplica)
Prima, guia-me no mundo,
Que eu também quero ser boa!
Quero ser, também, como ésse
Que a fama tanto apregoa.

MARTA
(numa alegria infinita)

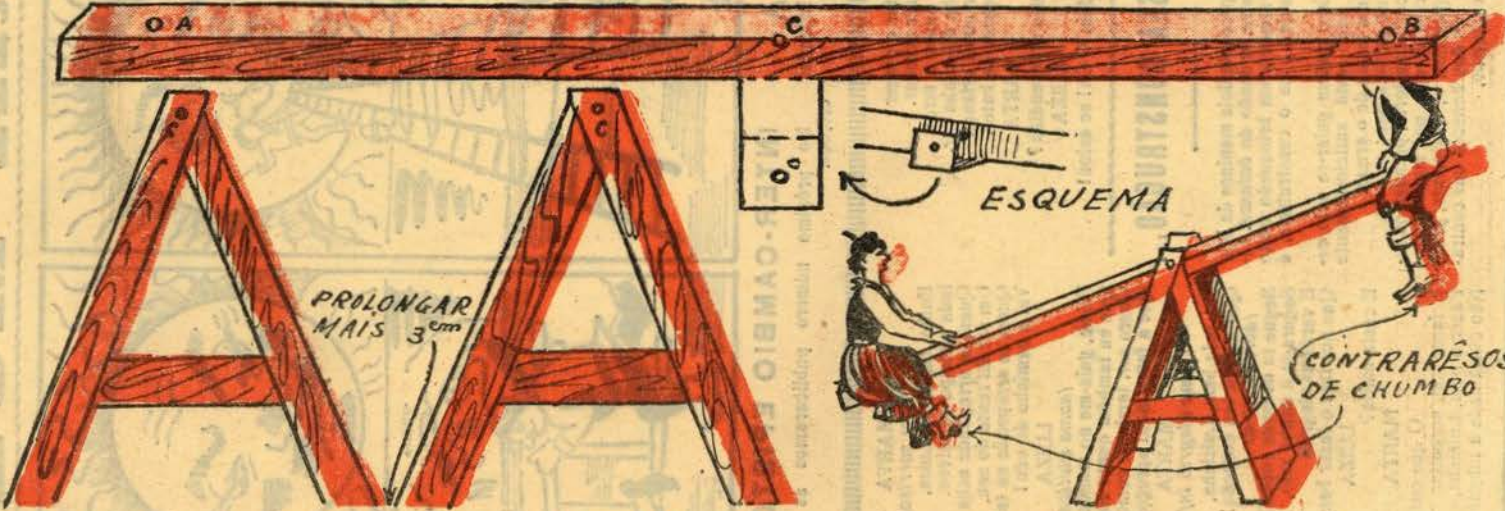
Oh, inda bem, Luizinha,
Que mudou teu coração!
(abraçando-a)
Segue tu os meus conselhos,
Segura-te à minha mão,
E verás as alegrias
Que nos traz o fazer bem.

LUIZA
E custa muito?

MARTA
O que custa
É fazer mal, acredita.
Fazer o bem, Luizinha,
Não custa nada a ninguém.



JAVARES FINO



PROLONGAR MAIS 3cm

ESQUEMA

CONTRARÊSOS DE CHUMBO

DOIS MENINOS DA ILHA DA MADEIRA, BRICANDO NO «BALANÇÉ»